



FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI - SETÚBAL, SEGUNDA-FEIRA, 17 DE JUNHO, DE 2024 - 21H00

Sessão 04 “Alien, o 8.º Passageiro” (1979)

Às grandes etapas do filme de ficção científica dos últimos anos deverá acrescentar-se «Alien, o 8.º Passageiro», da autoria de um jovem cineasta, que dirige aqui o seu segundo trabalho, depois de ter surpreendido a crítica internacional com um filme, “The Duellists”, ainda inédito em Portugal, mas cuja estreia se anuncia igualmente para muito breve (nota de 2021: o que se verificou). Ridley Scott é, deste modo, mais um novo a justificar a atenção do público e a confiança dos produtores norte-americanos, que arriscaram e mais uma vez ganharam, a partida. Esta obra é não só mais um marco na história do cinema de ficção-científica, como um dos grandes sucessos comerciais dos últimos tempos, disputando mesmo anteriores recordes.



Curiosamente, «Alien» mantém afinidades múltiplas com «2001», «A Guerra das Estrelas» ou «Encontros Imediatos», afastando-se de todos eles pela introdução inteligente de algumas variantes que ajudam a definir o alcance da sua originalidade. Tai como «2001» ou «Star Wars», «Alien» é mais um filme de antecipação espacial, mas, enquanto Kubrick penetrava no espaço sideral para uma interpretação metafísica do futuro do Homem, Ridley Scott, sem a profundidade do «mestre», confessado - veja-se o genérico - avança, todavia, algumas respostas. Os seus astronautas movem-se no interior de uma nave, Nostromo, numa quase total indiferença que roça mesmo a agressividade. Estamos no reino da solidão assumida, do perfeccionismo profissional sem solidariedade, que chega a misturar, sem que se note a diferença, homens e «robots», sentados a uma mesma mesa. O retrato que essa nave nos oferece é sintomático de um mundo do futuro que existe fora do «écran», mas que se pressente. Será apenas a ameaça que se introduz sub-repticiamente a bordo da nave que consegue despoletar algumas reacções de companheirismo, de luta comum, de humanidade.





Em relação a «Star Wars», «Alien» movimenta-se igualmente no reino da aventura, mas agora de espírito bem diverso. O filme de George Lucas refere o universo da banda desenhada que tem em Flash Gordon ou Buck Rogers os seus heróis típicos, abnegados defensores de fracos e oprimidos, em luta contra tiranos que dominam o universo. As distinções são maniqueístas, é certo, mas essa aparente ingenuidade ressuscita um encanto quase perdido, uma fé inabalável no Homem e nas suas possibilidades redentoras e justiceiras. Do lado do Bem a solidariedade é total, admirável. Mesmo o reino mecânico comparticipa dessa aventura heroica, concretizado nas figuras simpáticas de Artoo-Detoo e See-Threepio, os robots. Em espírito

continua a ser inspirado na banda desenhada, mas no pesadelo sofisticado e caligráfico dos mestres da revista «Metal Hurland» (dos quais Dan O'Bannon e Jean Giraud, conhecido por Moebius, além de H. R. Giger, colaboraram no filme de Ridley Scott, definindo aspectos essenciais, como sejam o argumento, a direcção artística ou o desenho do monstro «Alien»).

O conflito que se estabelece no interior de Nostromo é bem mais completo do que a aventura linear de «Star Wars». Uma civilização híper mecanizada e quase isenta de sentimentos ou emoções, desumanizada, portanto, descobre-se ameaçada por um organismo «perfeito», impoluto, puro de toda a mácula moralista, desconhecendo remorso e medo. Será necessário ao homem (aqui, uma mulher, personagem derradeira nesta luta de morte com «Alien») redescobrir o pavor, anular o «complot» que o envolve, através de provas de coragem, da argúcia, do arrojo, para sair vencedor deste duelo inesperado.

Tal como em «2001», em «Alien, o 8º Passageiro», o homem vê-se na contingência de disputar o comando de uma nave a um computador (aqui «Mother», em vez de Hal) para sobreviver. A eficácia da ciência e da técnica geram, pois, mecanismos de um rigor de comportamento que nenhuma flutuação de dados faz oscilar no seu trajecto, impondo a destruição do Homem se tai for necessário. O pesadelo invade Nostromo, é certo, mas o pesadelo é-lhe anterior, viajando já no interior dessa nave, antes mesmo de aí se refugiar o agressivo «Alien». O conflito é múltiplo: os homens lutam entre si, contra «robots» e computadores (suas criações que, contudo, deles se libertam e emancipam), e também contra o desconhecido que se instala sob a forma de um ser jamais visto.

E aqui que «Alien» se pode confrontar com «Encontros Imediatos», filme de boas-vindas aos habitantes de outros mundos, que descem na Terra pacificamente. Alien, o intruso, se bem que não possa ser julgado em termos de uma moral humana, que ele ignora, e um ser destruidor, implacável, que nada detém no seu avanço brutal. O que subtilmente distingue esta obra de outros «monstros vindos do espaço» em décadas mais recuadas da história do cinema, mas que o afasta igualmente dos musicais e fraternos tripulantes do «ovni» de Spielberg.

De um barroquismo de concepção plástica admirável, esta obra de Ridley Scott demonstra, sem lugar para dúvidas, o talento expressivo de uma equipa reunida para o efeito, e o galvanizante ritmo narrativo que o realizador consegue imprimir a esta experiência de terror no espaço (ao contrário de muitas outras, de «terror vindo do espaço»), que ficará seguramente como uma etapa mais no inquietante percurso da história da ficção científica em «écrans» de todo o mundo. A excelência de miniaturas e trucagens, o trabalho fotográfico, a segurança dos intérpretes, tudo isto se conjuga para fazer de «Alien» um grande espectáculo. Falando, alias, de actores, justo será sublinhar a presença de Sigourney Weaver (Ripley), um belo rosto de mulher que lentamente vai dominando o filme, e para o qual se prevê um futuro brilhante. (D. N.) — 1980





Adenda (2021), “Alien, o Oitavo Passageiro” teve continuadores. “Aliens - O Recontro Final”, de James Cameron (1986), “Alien 3 - A Desforra”, de David Fincher (1992) e, finalmente, “Alien: O Regresso”, de Jean-Pierre Jeunet (1997). Abençoada série com tais realizadores.



ALIEN, O 8º PASSAGEIRO

Título original: Alien

Realização: Ridley Scott (EUA, 1979); Argumento: Dan O'Bannon, segundo ideia de Dan O'Bannon e Ronald Shurett; Fotografia («eastmancolor», 70 mm): Derek Valint; colaboradores artísticos: Les Dille, Roger Christian, Carlo Rombaldi, Brian Johnson, Nick Allder, Dan O'Bannon, Ron Cobb; criação de «Alien»: H. R. Giger; Música: Jerry Goldsmith, Howard Hanson, Mozart; Montagem: Peter Wheathorley; Desenhos de maquiagem: Roger Dicken; Ridley Scott; Produção: Gordon Carroll, David Giler, Walter Hill, Ivor Powell, Ronald Shurett; (Fox); Companhia de produção: A Brandywine-Ronald Shurett Production; Intérpretes: Tom Skerritt (Dallas), Sigourney Weaver (Ripley), Veronica Cartwright (Lambert), Harry Dean Stanton (Brett), John Hurt (Kane), Ian Holm (Ash), Yaphet Kotto (Parker), Bolaji Badejo (Alien), Helen Horton (Mãe, voz), Eddie Powell, etc. Duração: 117 minutos; Distribuição em Portugal: Fox; Classificação etária: M/ 16 anos; Estreia em Portugal: cinemas Condes, Império e Quarteto (10 de janeiro de 1980).

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI-SETÚBAL | SEGUNDA-FEIRA, 24 DE JUNHO DE 2024

MASTERCLASS Cinema Americano Anos 80 21H00 (entrada livre)

“VESTIDA PARA MATAR” de Brian de Palma / 1980